

Universidade Federal do Espírito Santo
Programa Institucional de Iniciação Científica
Relatório de Pesquisa

**Relatório do primeiro e segundo semestre referente à atuação
na EMEF EJA ADMARDO SERAFIM DE OLIVEIRA.**

Identificação

Professor Orientador: Edna Castro de Oliveira

Estudante de Iniciação Científica: Guthier Nascimento Flores

Graduação: Geografia

A escola Admardo Serafim de Oliveira apresentou uma proposta de trabalho a ser realizado durante o ano, que é de muita importância para o ensino e aprendizagem dos alunos e consecutivamente dos professores, abordando a temática de "Cidade Educadora", focalizando a capital Vitória, criando assim um modelo mais flexível de escola, conectado com a vida e com a realidade dos alunos da EJA, priorizando e orientando os processos da população numa formação cultural e no desenvolvimento de seus habitantes, educando assim uma sociedade e não apenas escolarizando, sendo assim um método que torna os alunos conhecedores de seus direitos e obrigações na sociedade, podendo identificar, debater e transformar o seu meio de vivência.

Os professores começaram suas atividades em sala de aula no final de fevereiro de 2014 com essa proposta de ensino, e eu particularmente acompanhei as aulas dos professores Adriano (Geografia) e Vinicius (Educação Física) nos espaços da Secretaria Municipal de Meio Ambiente (Semmam), Polo Americano, e Núcleo de Educação de jovens e Adultos (Neja-Ufes). Os dois começaram a desenvolver suas aulas numa perspectiva de tentar passar a proposta de ensino que a escola orientou. Então deram início com uma música chamada 1967 do Marcelo D2, onde a metodologia utilizada por eles foi a de que os alunos conhecessem a música ouvindo e transferindo do quadro para o caderno, estimulando assim no aluno a escrita e leitura, ajudando-o no processo de alfabetização.

Ao longo das aulas também foi desenvolvido algumas atividades de fixação de acordo com a música apresentada, tendo como objetivo relacionar as práticas corporais e culturais desenvolvidas por Marcelo D2, com os alunos, tendo em vista que a música aborda uma cultura de comunidades, criando um aprofundamento no vocabulário dos alunos, tendo como objeto a própria música, incorporando uma linguagem mais presencial do dia-dia dos mesmos. Nessa atividade pôde ser observado que os alunos puderam debater sobre práticas corporais que são exercidas por eles, e também deixaram em evidência quem são as pessoas de referência para suas vidas, quais são os espaços frequentados por eles no cotidiano, e quais bairros onde eles moram, trabalham, estudam e se relaciona com o próximo.

Na progressão das aulas, os dois professores desenvolveram uma atividade cultural sulista, e explicaram sobre alguns aspectos climáticos dessa região, explicando porque é a tradição tomar o chimarrão nesses estados da região sul em especial no Rio Grande do Sul, o porquê dessa bebida ser típica dos estados de climas mais frios e como surgiu o chimarrão. Ao fim da aula socializaram a bebida entre os alunos dentro da sala de aula. Foi também abordado porquê a região sul tem um clima mais frio do que outras regiões do Brasil. Os professores pediram para eles que elaborassem um texto abordando os tipos culturais do nosso estado, e como eles interagem com esses costumes.

No meu entendimento houve uma ruptura com o tema trabalhado pela escola, e também pelos próprios professores, que estavam trabalhando com uma realidade carioca que era demonstrada pela musica, relacionando suas práticas e vivências com a realidade da cidade de Vitória, sendo que eles não tinham nem terminado de trabalhar essa atividade da música, confundindo o aluno no aprendizado. Percebi que os próprios alunos tiveram dificuldades em desenvolver os textos proposto por eles em sala de aula.

Percebi também que nos dois meses acompanhando as aulas desses dois professores, eles conseguiram em parte realizar a temática da escola, mas observando que tinha de haver alguns avanços em determinados aspectos, pois tomaram um bom tempo na realização da atividade da música do Marcelo D2 proposta por eles, tendo às vezes uma fuga do tema em si em sala de aula, e às vezes focando muito o processo alfabetizatório, se baseando constantemente na formação humana esquecendo que muitos desses alunos que retomam seus estudos o desejo maior é de se preparar para o

mercado trabalho, de ter autonomia e de se dar bem profissionalmente. Claro que não estou falando aqui que devemos ter uma educação voltada para a formação de mão-de-obra para o capital, mas sim preparar o aluno também para uma formação onde ele tenha uma consciência cidadã para uma sociedade melhor, e um conhecimento mais profundo nos conteúdos das matérias dadas, criando-se no aluno uma Prática Educativa, que didaticamente venha ter uma educação crítica sim, que venha ser emancipadora e transformadora na nossa sociedade.

Entre abril e junho as escolas de Vitória passaram por um período de greve de professores, paralisando assim as aulas.

Começando assim as aulas nesse retorno da greve, a gestão mudou as duplas nesse processo interdisciplinar, sendo em minha opinião hora errada de mudar os professores. Claro que essa norma se encontra no projeto político-pedagógico da escola, mas é algo a se rever nos próximos anos, pois nesse contexto os alunos saíram prejudicados em relação ao trabalho como o conteúdo das disciplinas, tendo uma ruptura na dinâmica do ensino, porque não houve uma totalidade a ser passada do conteúdo apresentado pela dupla no início do ano letivo. Assim a meu ver tinha que ter prolongado mais o tempo de permanência com as duplas anteriores. A nova dupla que passei a acompanhar foi professora de Biologia Vivian, e o professor de Geografia Adriano, no segundo segmento.

Na continuidade das aulas, os professores fizeram algumas semanas de revisão do que já se tinha passado até antes da greve, e foi percebido que os alunos tiveram uma rápida compreensão nessas revisões, mostrando o interesse que os mesmos tiveram em se interagir com as matérias, mesmo durante a greve. A metodologia das aulas desses professores mudou, não sei se foi a escola que mudou ou propriamente os professores, até porque o público da EJA mudou consideravelmente. Chegaram muitos alunos do ensino regular na Escola Admardo, com idade de 15 a 17 anos. Muitos deles ao meu ver foram empurrados e obrigados pelo órgão competente a realizar esse remanejamento de alunos, como se a EJA fosse um "refúgio escolar".

Em relação às aulas houve sim um avanço nas abordagens das disciplinas, pois saíram do campo de só focar alfabetização que num primeiro momento é importante, mas isso não é tudo, uma vez que alfabetizar é somente a primeira parte do processo. É óbvio que não podemos pensar que só alfabetização poderá garantir o desenvolvimento

social deste educando. No entanto, houve um ponto negativo nessa nova maneira dos professores desenvolverem as aulas, pois algumas pessoas ainda não possuem domínio nem da escrita nem da leitura, ficando assim muitas das vezes perdidos em sala de aula, não conseguindo acompanhar o raciocínio das aulas, deixando em evidencia que essa sistematização de envolver todas as séries em um só segmento tem que ser melhor trabalhada, criando estratégias para atingir de uma forma mais adequada o ensino-aprendizagem para todos os alunos em sala de aula.

Percebi que no decorrer das aulas, fui mudando um pouco a minha concepção em relação aos professores, não sei o que aconteceu, mais o rendimento das aulas decaiu. Vi que eles estavam dando a aula no modo um pouco mais tradicional, era nítido que as aulas não estavam sendo preparadas com antecedência, deixando assim de explorar as potencialidades e a capacidade que os alunos possuem, os professores em muitas aulas estavam explicando de uma maneira muito rápida, deixando pouco espaço para os alunos exporem suas ideias, e conseqüentemente dificultando o entendimento de alguns alunos que possuem alguma necessidade especial.

Em relação à educação especial os professores dessa área juntamente com os outros professores das disciplinas têm que sistematizar suas aulas, pois não há uma interação com esses alunos, e nem uma participação deles nas aulas. Alguns só ficam desenhando e pintando, principalmente no Neja-Ufes. Há uma relação muito afetiva e pouco pedagógica, dificultando o aprendizado dos mesmos, outro problema a ser resolvido é a falta de disponibilização do material adequada para esses alunos, em especial alunos que tem baixa visão. Percebo que alguns desses alunos se encontram em sala de aula como se tivessem em um momento de lazer, deixando o individuo ainda excluído, seja do direito á apropriação do saber, ou na intensidade e ritmo necessários para sua aprendizagem. O que se observa que há uma exclusão dentro da inclusão escolar, a gestão juntamente com os professores tem que se atentar para isso, criando um projeto pedagógico, que venha atingir a essas pessoas, interagindo e participando de um modo mais assíduo dentro de sala de aula, que venha fazer com que esses alunos sejam participativos e influentes no modo de vivência neste espaço educacional, formando assim uma educação que enseje o acesso à permanência e um avanço no aprendizado desse aluno.

Entre Setembro e Dezembro as duplas novamente mudaram, e eu continuei acompanhando o professor de geografia, mais agora junto com a professora Isabel de Inglês, tive a oportunidade de algumas vezes ajudar os professores na organização de alguns exercícios e de até ministrar algumas aulas para os alunos.

Na convivência com essas três duplas de educadores eu tive a oportunidade de ficar mais próximo à disciplina de Geografia, matéria da minha graduação. Percebi que em relação à disciplina de geografia houve momentos de estratégias de trabalho com os alunos em sala de aula de importância para a aprendizagem dos mesmos, sendo eles: orientação e usos de diferentes linguagens cartográficas, Abordagens de questões sociais, como relações étnicorracias e culturais, relacionando esses temas ao nosso dia-dia e refletindo como esses são tratados nas vivências dos educandos/as, promovendo a consciência de localização no espaço de sua cidade e atualização de temas atuais.

A sala de aula também me mostrou algumas coisas nessa relação de educadores e educandos, sendo algumas observações: as relações estabelecidas no processo de ensino/aprendizagem entre educadores/as educando/as na área de geografia que são relações dialógicas que buscam a transformação de relações de opressão em democráticas; a prática de sala de aula foi proporcionando ao educando a compreensão do conteúdo trabalhado permitindo ao educando atribuir um novo sentido ao conhecimento através das indagações e buscas de respostas no processo. Como nos diz Paulo Freire: “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (Freire, 1996, p. 21); o desafio a ser enfrentado com o uso das novas tecnologias em sala de aula pelos educandos/as e educadores/as.

No contexto geral envolvendo professores e escola, pode ser observado principalmente nas reuniões de professores, que alguns desses não estão compreendendo a proposta pela escola, e muito menos o público com o qual estão trabalhando. Há a dispersão de alguns, que perpassa por um sentimento muitas vezes afetivo entre aluno e professor, principalmente no que se refere à educação especial, esquecendo que o professor está ali não só para criar uma relação com os alunos, mas prepará-los para um futuro de oportunidades e realizações, prejudicando o ensino e aprendizagem dos mesmos. Percebo que nas reuniões de formações os debates têm que ser mais objetivos e claros, pois percebe-se que alguns temas debatidos não têm nada a ver com o processo de ensino dos alunos, há muitos questionamentos em cima de alguns

alunos dos espaços, muitas críticas e poucas soluções para tais problemas debatidos. É de extrema importância que os profissionais atuantes se comprometam ainda mais com esse processo educativo, pois o professor é um intercessor entre a educação e o aluno, e ambos através da educação têm uma importância na transformação de uma sociedade, é como cita Paulo Freire “Se a educação sozinha não pode transformar a sociedade, tampouco sem ela a sociedade muda.” (FREIRE, 2000, p.67).

Referências

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 6a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.